

Editorial

Revista Digital de Ensino de Filosofia – ReFiLo - Ano I – Número 01 – jan./jun. 2015.

É com muita alegria que apresentamos o primeiro número da **Revista Digital de Ensino de Filosofia – ReFiLo**. A ideia de sua criação nasceu aos poucos, pois acompanhou o movimento de retorno da Filosofia como disciplina escolar e de expansão de estudos, pesquisas e projetos sobre o tema do ensino e da aprendizagem da filosofia.

Percebemos a importância da criação de um espaço que ampliasse a visibilidade do que vem sendo produzido e pensado por professores de filosofia da escola básica e dos cursos de licenciatura em filosofia; por estudantes que se dedicam ao seu ensino, seja em pesquisas ou em ações/intervenções nas escolas.

Como apresentamos em seu escopo, a ReFiLo divulgará pesquisas acadêmicas sobre o tema, assim como relatos de experiência ocorridas na escola, que problematizem os aspectos didáticos e conceituais do exercício filosófico. Como neste número, também serão publicadas entrevistas com professores que vem se dedicando a pensar e a agir em prol de um ensino de filosofia de qualidade, na escola pública.

A concretização deste número não foi tarefa fácil. Exigiu muita dedicação e esforço de um grupo seleto de estudantes, também pesquisadores e estudiosos da área, que conosco abraçaram a ideia de forma criativa e comprometida.

Almejamos que a ReFiLo provoque, em seus leitores, a reflexão, o debate, a crítica.

Agradecemos a todos os autores que contribuíram com esta edição, dando um voto de confiança à ReFiLo, ajudando a construí-la e, assim, apostando que esta é a primeira de muitas outras edições.

O primeiro texto, "*Identidade e Ensino da Filosofia: correspondências e problematizações*", de Patrícia Del Nero Velasco et al, apresenta um exercício de problematização sobre o Ensino de Filosofia partindo de uma das teses de Alejandro Cerletti, presente na obra *O ensino de filosofia como problema filosófico (2009)*. Nesta obra o autor defende que a construção da resposta para a pergunta sobre o que é a filosofia e o seu ensino e sua aprendizagem mantém um vínculo

*indissociável, produzindo enlaces fundamentais para a atividade filosófica. Baseando-se em tal tese, os autores apresentam os resultados de um exercício realizado na disciplina Filosofia do Ensino de Filosofia, do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do ABC, em que “os estudantes são convidados a construir suas concepções de filosofia, problematizando-as, através das quais ensaiam o que/como seria um ensino filosófico condizente com a imagem de filosofia defendida”. Nestes ensaios as correlações propostas entre *Filosofia e Ensino de Filosofia* pautam-se em características atribuídas à filosofia, tais como: o rigor, a criticidade, a reflexividade, a desnaturalização, o espanto, o desenvolvimento de habilidades argumentativas, a problematização e a ressignificação. Estas características foram recorrentes em 4 anos de trabalho na disciplina, apontando que por “mais diversificadas que sejam as concepções de filosofia as propostas metodológico-formativas e o crivo filosófico do ensino pouco variam”, disso decorre a problematização/interrogação acerca da proximidade que se mostra entre as propostas metodológicas para ensinar filosofia, mesmo partindo de perspectivas filosóficas diferenciadas.*

Marcelo Vieira Lopes com o texto, “*Notas para uma Pedagogia Oswaldiana: filosofia e antropofagia*”, aborda a proposta de uma prática filosófica no ensino médio pensada como uma prática filosófica antropofágica, tendo por base a obra de Oswald de Andrade, em particular os dois Manifestos dos anos 20. Temos, então, uma proposta que problematiza a filosofia como reprodução do pensamento ocidental alertando para a necessidade de se pensar, no ensino de filosofia, a apropriação de um modo de fazer filosofia latino americano, que se define como insurgente e emancipatório, atentando assim, para a importância de se pensar a filosofia a partir do contexto social brasileiro. Para tanto, nos apresenta uma análise do movimento antropofágico no Brasil, sob a tutela de Oswald de Andrade, salientando as características de uma filosofia antropofágica que surge deste movimento. O autor analisa os escritos doutrinários de Oswald, os dois manifestos: o da *Poesia Pau-Brasil* e o *Antropófago*, perguntando-se pelo potencial dos mesmos para pensar o ensino de filosofia no ensino médio. Aponta-nos os aspectos de recusa à toda e qualquer doutrina, a não repetição, a proposta de criação, bem

como a exaltação da insurreição, da bandidagem do conceito como características da antropofagia importantes para se interpelar o ensino de filosofia contra “todas as catequeses”, tendo como ponto central da antropofagia a necessidade de “apropriar-se do que não é meu” considerando que “a filosofia, de fato, nunca é nossa. Nunca nos apropriamos dela e a detemos. Ela sempre escapa.” Surgem então as questões em torno de como pensar a apropriação da filosofia pelo jovem estudante, bem como as relações entre a antropofagia, autonomia, apropriação para pensar o ensino de filosofia no ensino médio, colocando-nos a problematizar sobre as possibilidades impossibilidades de tal empreendimento a partir do entendimento sobre a devoração e apropriação como método, do acontecer na escola em termos de constância e inconstância e sobre o tempo (45 min das disciplinas no ensino médio) do negócio contra o ócio.

Com Fernanda de Oliveira Veiverberg em “*O ensino de filosofia nos meandros do Ensino Médio estadual*”, temos uma reflexão sobre o ensino de filosofia em escola pública, pautando-se em “experiências vivenciadas durante a formação acadêmica e em sua própria inserção no ensino público estadual ao longo de três anos de atuação em duas escolas públicas de Santa Maria, Rio Grande do Sul.” A autora destaca, inicialmente, as implicações entre a formação inicial em filosofia, na universidade, e a atuação nas escolas públicas como professora de filosofia. Problematiza os meandros das práticas curriculares e de gestão democrática que visam a educação integral, salientando que o desenvolvimento das práticas curriculares está diretamente ligado ao modo como se desenvolve a gestão nas diferentes escolas, apontando os impasses e saídas que se promovem no âmbito escolar. Insere também, os limites e possibilidades de uma formação proposta para o Ensino Médio pautado no desenvolvimento dos saberes por áreas de conhecimento, em que as Ciências Humanas são entendidas, nas DCNEM (2012), como norteadoras das ações curriculares que almejam a interdisciplinaridade, contextualização, interação com a realidade de alunos e escola. Por fim analisa o papel da Filosofia e da formação do professor de Ensino Médio neste processo.

Cíntia R. Oliveira, Marcelo J. Doro, com o texto “*Ensinar ética é também ensinar a argumentar: análise de cinco falhas comuns de justificação ética*”, apresentam

uma proposta de ensino da Ética para alunos de Ensino Médio, que aposta no desenvolvimento da capacidade de argumentar como modo de aprender a refletir de forma crítica os problemas éticos. Trazem, então, uma análise de cinco falhas mais presentes em argumentos de alunos ao justificarem comportamentos éticos que pressupõem corretos. Apresentam a análise das falácias, petição de princípio, apelo à maioria ou apelo ao povo, dois erros fazem um acerto, apelo à tradição e falácia naturalista. Com isso, os autores disponibilizam aos professores de Filosofia um referencial de análise que auxilia na promoção de práticas filosóficas problematizadoras no Ensino Médio, especialmente no que se refere às justificações éticas.

Para abrilhantar esta edição apresentamos a entrevista, realizada pela Professora Elisete M. Tomazetti-UFSM, Brasil, com a Professora Marisa Berttolini, do Instituto de Professores Artigas- IPA, Uruguai, que tem vasta experiência com formação de professores para o Ensino Médio. Marisa Berttolini nos apresenta uma análise do cenário atual da disciplina filosofia no Ensino Médio do Uruguai, pontuando sobre perspectivas e desafios enfrentados no que se refere à formação dos professores, às práticas pedagógicas, à produção de materiais, bem como das relações que se estabelecem entre os jovens e a filosofia. Uma importante reflexão que dá a pensar num entre lugar das semelhanças e diferenças vivenciadas por aqueles que, em comum, lutam por um ensino de filosofia cada vez mais potente na produção do desassossego de verdades que sufocam o pensamento.

Matheus Penafiel, no texto *"Entre lógica e dialética: experiências de uma proposta em construção"*, apresenta dois relatos de experiências docentes que se pautaram em uma proposta didática para o ensino de lógica e argumentação. Uma experiência relatada ocorre na Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles e outro relato exposto é relativo ao trabalho realizado no cursinho Pré-Vestibular Esperança Popular. O primeiro momento da proposta didática se desenvolve com a problematização de um tema com qual os alunos se sintam implicados, tais como amizade amor e relações possíveis entre ambos. Em um segundo momento propõe-se um debate sobre o tema entre os alunos organizados em pequenos grupos, os quais gravam suas conversas para transcrevê-las e realizar análise na

“busca de padrões ou regras de argumentação, com o intuito de problematizá-las.” Para tanto o autor busca suporte teórico no trabalho de Castelnérac & Marion (2009) sobre os jogos dialéticos na Academia de Platão, em que se discute as regras destes jogos. Após este processo a próxima etapa se desenvolve com a leitura de um trecho de diálogo platônico que contemple o tema discutido pelos alunos, analisando as regras buscando semelhanças e diferenças entre os diálogos transcritos pelos alunos e problematizando-os. Na etapa final a proposta busca realizar o exercício do diálogo com os alunos exercitando o método socrático. O autor nos mostra que a proposta pensada inicialmente passa por arranjos e rearranjos realizados ao longo da prática em sala de aula e traz com isso o desenvolvimento de um processo de ensinar aprender filosofia atravessado pelas questões do cotidiano da escola, bem como dos diferentes alunos e suas implicações no processo de aprender. Mostra-se implicitamente a atuação de um professor de filosofia que faz de seu processo um campo de pesquisa.

O texto *“Por amor à filosofia... e ao mundo que se abre com ela”*, de Cunha; Krüger; Lopes; Kohan, desenvolve uma reflexão acerca das potencialidades que se manifestam no Projeto *“Em Caxias a filosofia en-caixa?”* - idealizado e dirigido pelo Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (PROPEd-UERJ), o qual realiza atividades em duas escolas públicas de Duque de Caxias e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Constituindo o projeto como um convite ao estranhamento e entendendo a filosofia como forma de produção de encontros e deslocamentos, nos apresentam os efeitos de raridade advindos da experiência de pensar e se pensar juntos em um encontro de estudantes e professores de Eja da Escola Municipal Joaquim da Silva Peçanha com professores da universidade realizado na UERJ. O desdobramento de uma experiência de infância com jovens e adultos, construído sob a aposta da igualdade de condições de aprender (Ranciére), no convite, hospitalidade, no acolhimento, na escuta do outro e na abertura ao inesperado das questões, nos provoca a pensar sobre as relações entre universidade e escola, formação, conhecimento/experiência. Também propõe uma problematização cara ao ensino de filosofia na contemporaneidade, a saber, em se tratando de ensinar a pensar é preciso “estabelecer um método para a

filosofia ou de gerar as condições para que o pensamento possa ser experimentado?”.

Elisete M. Tomazetti e Cláudia Cisiane Benetti

Editoras